

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.006



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

LAMENTO, CUIDADO E ESPERANÇA CRISTÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO

Lament, care, and chistian hope in the context of de pandemic

Luiz Gustavo Marques Lança¹

RESUMO

A finalidade do presente artigo é de traçar uma abordagem teológica e reflexiva sobre os efeitos da pandemia na saúde mental, física e espiritual no Brasil. Durante a pandemia houve aumento da violência contra a mulher, do índice de divórcios, impacto na pobreza, fome e desemprego no país. Aumentaram significativamente as queixas emocionais como a ansiedade, depressão e alteração da qualidade do sono. Tais situações exigem da igreja diferentes formas de acolhimento e ações para atender às novas demandas. Destacou-se neste trabalho que a postura da Igreja diante do momento pós-pandêmico, mais que apontar para a ações imediatistas, precisa manter as portas abertas aos que sofrem e resgatar práticas bíblicas de se prostrar e lamentar junto aos pranteadores, em um movimento compassivo que atue com ética de cuidado eficaz. Esse cuidado se manifesta com orações de lamento e intercessão e por ajuda prática de acompanhamento dos atingidos diante dos desafios atuais no Brasil. A metodologia utilizada foi bibliográfica com análise de conteúdo.

Palavras-chave: Cuidado. Crise. Lamento. Oração. Pandemia.

ABSTRACT

This article's purpose outlines a theological and reflective approach about the effects of the pandemic on mental, physical, and spiritual health in Brazil. During the pandemic, there was an increase in violence against women, in the divorce rate, in the impact on

¹ O autor possui mestrado em Teologia pela FABAPAR (2023). Mestrado livre em Teologia pelo Seminário Batista Teológico do Norte do Brasil (2005), pós-graduação em História, Geografia e Arqueologia Bíblica pela Faculdade Batista Pioneira (em andamento), graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980) e pós-graduação em Finanças Corporativas pela FGV (1997). Atualmente é professor do CENTRO TEOLOGICO BATISTA DO ESPÍRITO SANTO. E-mail: llanca7@yahoo.com.br

poverty, in hunger, and in the unemployment rate within the country. Moreover, there was a significant increase in emotional complaints such as anxiety, depression, and altered quality of sleeping patterns. Such situations, demand from the church different forms of embracing and acting to meet the new demands. This article highlights that the attitude of the Church in the face of the post-pandemic moment, rather than pointing to immediate actions, must focus on keeping the doors opened to those who suffer and on rescuing biblical practices of prostrating and mourning with those who mourn in a compassionate movement which acts with an ethic of effective care. This care is manifested through prayers of lamentation and intercession as well as practical help accompanying those, affected by the pandemic, facing the current challenges in Brazil. The methodology applied was bibliographic with content analysis.

Keywords: Care. Crisis. Grief. Prayer. Pandemic.

INTRODUÇÃO

O impacto da pandemia do Coronavírus (Covid-19) na sociedade brasileira teve efeitos importantes na economia, sociedade, saúde, política e na vida financeira e religiosa da população. A violência contra a mulher se fez acentuada no período inicial da pandemia. Mulher e marido que antes da pandemia trabalhavam fora, um ou outro, ou ambos e, que se encontravam somente ao final do dia em casa, passaram a dividir e competir o mesmo espaço, juntos, 24 horas por dia, sem poder sair, a não ser para atividades essenciais. Isso possibilitou que os conflitos se acentuassem vertiginosamente nas famílias brasileiras. O efeito dos conflitos não tratados gerou violência contra o lado mais frágil, que é a mulher e consequentemente o aumento nos níveis de divórcio no Brasil como mostrado neste estudo.

A crise gerada também pôde ser notada nas dificuldades da nação tanto por parte das autoridades federais como estaduais, que não condensavam suas diferenças, gerando disputas sobre a solução das vacinas. O negacionismo de autoridades ocasionou confusão, com o uso de Fake News e descontrole no combate ao inimigo comum: a pandemia. O agendamento da aplicação das vacinas que iam chegando em quantidade insuficiente desprivilegiou a classe pobre do país. Quem tinha boa internet e carro próprio chegava primeiro aos locais onde as vacinas eram aplicadas.

A mortalidade, consequentemente, alcançou as populações mais pobres da nação como se pôde ver nas estatísticas, constatando-se uma triste realidade, em especial nas regiões Norte-Nordeste do país conforme será mostrado no capítulo subsequente. E aquilo que parecia estar longe da maioria das famílias brasileiras acabou atingindo em cheio grande parte delas: foram catalogadas 688.395 mortes no Brasil pelo Coronavírus até o dia 07/11/2022. Essa mortalidade gerou luto, tristeza, orfandade, viuvez e sérias consequências econômicas na família brasileira. O desemprego ou a taxa de desocupação chegou a superar os melhores níveis do quarto trimestre de 2019 em 34%.² Nesse período o país estava com 11,1 milhões de desempregados chegando no terceiro trimestre de 2020 a 14.9 milhões. Por conta da quarentena necessária naquele momento e a dificuldade de sair para o trabalho. O índice de

² IBGE, 2021.

pobreza, fome e desemprego no país cresceu e esse impacto econômico recaiu sobre as instituições sociais e religiosas.

A quarentena e suas dificuldades também trouxeram como efeito o impacto na saúde mental das pessoas, que se mostrou com o crescimento da irritação, ansiedade, depressão e insônia de uma grande fatia da população brasileira. E a igreja considerada como atividade essencial foi duramente questionada e obrigada a fechar suas portas por algum tempo, o que levou alguns profetas a fazer entender como se esse fosse um tempo de avivamento que se tornou para muitas igrejas em tempos de apostasia. E esta, segundo a orientação textual bíblica não poderia ser a resposta da igreja à crise.

Qual seria então a resposta da igreja representada por seus membros? Onde está Deus nesta pandemia? O estudo apresentará a necessidade de um tempo de lamento e autocontrole, justamente para não se chegar a “soluções” precipitadas. Os lamentos de Jeremias mostram que se pode fazer uma correlação importante entre o bem-estar e saúde mental diante das adversidades. O adágio popular apropriado por Barreto diz: “quando a boca cala, os órgãos falam. Quando a boca fala, os órgãos saram”. E nesse contexto as orações de confissão surgem como ferramentas de apoio ao povo de Deus e de auxílio para as comunidades que a cercam. Soluções vêm, pela graça de Deus, desde que a Igreja se afaste de reações instantâneas para poder discerni-las. O estudo apresentará a necessidade de um tempo de oração e lamento, onde poderá surgir uma nova luz, e não simplesmente a repetição de coisas que, de qualquer maneira, muitos chegaram a dizer sem produzir o efeito de libertação e cura.

O lamento é apresentado como uma resposta inicial da igreja que juntamente com a ética do cuidado seria uma forma efetiva de socorro a quem sofre. Uma ética de cuidado ativa se faz necessária, muito especialmente, nestes tempos pós-pandêmicos. Uma análise exegética de Romanos 8.28 é apresentada neste estudo revelando que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus, no sentido de que Ele trabalha em cooperação com sua igreja para promover a libertação diante da dor e sofrimento que atingiram o próximo especificamente na pandemia. Os cristãos são chamados a ter parte ativa na ação de Deus em socorro aos aflitos usando a eficaz ética do cuidado e motivados pelo amor ágape que se expressa em serviço sacrificial.

Uma igreja de portas abertas pode se apresentar como agência de transformação e ajuda, levando seus membros e comunidade que a cerca a participar de seu serviço libertador a serem identificados nas práticas da oração de lamento, intercessão, ceia do Senhor, apoio amoroso e fiel de grupos de acompanhamento e ajuda e, da adoração é verdadeira intimidade com Deus. Onde está Deus no sofrimento da pandemia? Ele está no lamento da igreja que se une aos pranteadores deste mundo e no agir ético do cuidado motivado por genuíno amor que serve sacrificialmente levando libertação e cura aos corações angustiados e aflitos deste tempo.

1. A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO COLETIVO: PANDEMIA, VULNERABILIDADE E CLAMOR

A pandemia impactou fortemente a vida das pessoas como indivíduos, famílias, comunidade religiosa, o Brasil e o planeta. Várias áreas importantes da nação como a economia, a vida social, a saúde mental e espiritual sofreu impactos importantes. De acordo com as estatísticas abaixo delineadas, na pandemia observou-se um crescente aumento de violência dentro de casa, com agressão à mulher trazendo assim, um aumento nas taxas de divórcio no Brasil.

A taxa de divórcios em relação ao número de casamentos no Brasil, no ano de 2020, cresceu 44% se comparado com 2019.³ A taxa de violência contra a mulher, “apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia da COVID-19 no país, a dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino”. Os dados mensais de feminicídios no Brasil entre 2019 e 2021 indicam que houve um aumento dos casos entre os meses de fevereiro e maio de 2020, quando houve maior restrição nas medidas de isolamento social.

A grande questão a ser levantada, diante de um cenário que hipoteticamente aconteceu também dentro dos próprios lares de cristãos atuantes em suas comunidades religiosas é: Onde está o socorro? O socorro seria uma resposta? Ou uma mão de ajuda amiga e irmã? Qual deve ser a resposta efetiva da igreja? Ela não pode ficar de fora diante do sofrimento de sua própria comunidade e nem da que lhe cerca.

Na pandemia do Coronavírus (COVID-19) pôde-se perceber atos de descontrole operando no Brasil, gerando ansiedade e angústia em muitos. Quando da chegada das vacinas, a estratégia adotada pelos governos estaduais, de um modo geral, foi a de agendamento por faixas etárias e grupos de urgência, que podia ser feito pelo celular, através de um App especializado ou no computador. Inicialmente houve uma grande procura pela vacina, pois a oferta era bem menor que a demanda. Não havia vacina para todos naquele primeiro momento. Segundo o G1 da Globo.com⁴, a primeira dose de vacinação começou no dia 21/01/2021 com 86.436 pessoas vacinadas. A segunda dose foi iniciada no dia 05/02/2021 com 1.962 pessoas vacinadas. Ao final do ano de 2021 chegou-se a um montante 161.221.915 de pessoas vacinadas com a primeira dose e, 143.356.785 pessoas vacinadas com a segunda dose mais dose única. Isso mostra que foi gradativo por não haver disponível vacina imediata para todos. Assim, logo se configurava uma grande disputa pelos interessados e habilitados em suas faixas de atendimento por prioridades, o que demandava a necessidade de se ter uma boa internet, tanto no celular quanto nas residências ou trabalho. A disputa foi intensa e o agendamento pela web privilegiava as pessoas de melhor poder aquisitivo, com uma internet de qualidade em casa. Quem tinha carro próprio para se deslocar até os drives-thru, e outros locais onde somente poderia se vacinar dentro dos veículos também era privilegiado diante da estratégia disponível de vacinação.

³ IBGE, 2021.

⁴ G1 da Globo.com, 2022, sem paginação.

A dificuldade maior ainda estava por vir, pois a mortalidade também se verificou mais acentuadamente na população de baixa renda. Segundo Fortunato (2020, p.26) articulando sobre a COVID-19 no Brasil com foco na evolução da doença num cenário de desigualdades sociais, mostra que “os óbitos se concentram naqueles com maior vulnerabilidade social, evidenciando uma tensão sociopolítica e econômica já existente no país cuja superação se mantém como desafio”.

As cidades com maior mortalidade por COVID-19 no Brasil, com número de óbitos por 100 mil habitantes em 2020, foram as das regiões Norte e Nordeste do Brasil, onde a pobreza e a miséria imperaram na ocasião. Fortunato mostra em seu trabalho que as diferenças sociais entre estados e municípios aliadas às políticas públicas que não incentivaram isolamento social com maior prudência potencializaram desigualdades intraurbanas e agravaram a doença em diversas localidades brasileiras. A pandemia impactou mais a escassez de qualidade sanitária evidenciada nas favelas, com a falta de infraestrutura, segurança e equipamentos necessários do que em outras regiões. Os óbitos concentraram-se nas regiões com maior vulnerabilidade social, revelando a tensão sociopolítica e econômica que já imperava no país, cujo desafio era a sua superação.

Um grande lamento se levantou no país e no mundo por conta de seus mortos. A mortalidade, que antes era vista e relatada de forma contundente pela mídia durante todo os dias, falava de fatos que pareciam estar ainda longe da maioria das famílias brasileiras. Mas, a situação mudou rapidamente e os óbitos foram se aproximando até atingir grande parte das famílias brasileiras, agora não só famílias pobres, mas de todas as classes sociais que passaram também a lamentar e chorar os seus mortos.

A consequência dessa tragédia foi que surgiram muitos órfãos de seus pais mortos pela peste pandêmica, viúvas e viúvos e filhos e filhas de todas as faixas etárias e não somente dos idosos, impactando não somente a economia familiar, mas que também trouxe angústia, dor e sofrimento gerados diante do luto. Hillis mostra um quadro onde do período compreendido de 1 de março de 2020 a 30 de abril de 2021 “a perda de cuidadores primários por mortes associadas ao COVID-19” põe o Brasil como o segundo maior em orfandade, perdendo apenas para ao México.⁵

Percebeu-se através da imprensa nesse período, que o Brasil sofreu também com os conflitos políticos existentes, visando interesses partidários e pessoais, com uma administração não tanto transparente, por parte dos governos federal e estaduais. Tais conflitos foram percebidos, ora pelo acentuado negacionismo diante do perigo de morte e sequelas, ora pela competição diante da solução com tipos e órgãos diferentes produtores das vacinas e, não menos conflitante, a tormenta das fake news. O dicionário Houaiss Online define o termo fake News como desinformação ou notícias falsas. O fato é que até 22/09/2022, segundo o Ministério da Saúde morreram 685.677 pessoas no Brasil. Neste contexto, por interpretação da mídia, pôde ser observado os governos estaduais competindo para estar à frente do combate pelas vacinas com o governo federal. De quem deveria ser essa

⁵ HILLIS, 2021, p. 395.

liderança? O fato é que essa disputa pode ter gerado atrasos na chegada das vacinas ao Brasil. O resultado parecia divergir diante dos cronogramas apresentados pelo Ministério da Saúde, algumas vezes congelados e sem previsão para chegada de novos lotes de vacinas. O calendário de chegada das vacinas previa uma quantidade de doses planejadas, quando na realidade, o executado nem sempre batia com o prometido.

Esse aparente conflito entre gestores políticos afetou em muito o emocional de todos que se viam contaminados por tantas informações imprecisas vindas de diversas fontes (fake news) que contribuíram para afetar a saúde mental do brasileiro. O fato de o cidadão ficar recluso dentro de sua própria casa, sem poder trabalhar ou sair (para não ter que se expor em transportes lotados sem nenhuma garantia de distanciamento), também afetou o emocional da população. O distanciamento dos próprios familiares como condição de amor verdadeiro isolou os idosos e seus parentes provocando ou acentuando problemas como a solidão, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental.

Um artigo sobre o relato de tristeza e depressão, nervosismo e ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19, escrita por Barros et al, da Universidade de Campinas relata o impacto da pandemia na saúde mental dos entrevistados.⁶

Variáveis	Sexo		RP ^a (IC _{95%}) ^b
	Masculino	Feminino	
Frequência de sentir-se triste ou deprimido			
Nunca	26,2	12,1	0,44 (0,39;0,51)
Poucas vezes	44,3	38,2	0,86 (0,80;0,92)
Muitas vezes	26,2	43,0	1,67 (1,52;1,84)
Sempre	3,4	6,8	2,09 (1,65;2,65)
Frequência de sentir-se ansioso ou nervoso			
Nunca	16,6	8,5	0,49 (0,42;0,57)
Poucas vezes	40,3	30,6	0,74 (0,69;0,80)
Muitas vezes	35,4	46,4	1,33 (1,24;1,44)
Sempre	7,7	14,4	1,95 (1,60;2,38)
Problemas de sono			
Aumento de problema de sono prévio	39,6	53,7	1,41 (1,25;1,58)
Início de problema de sono	37,1	49,8	1,35 (1,24;1,48)

a) RP: razão de prevalências ajustada por idade, utilizando-se o sexo masculino como categoria de referência.

b) IC_{95%}: intervalo de confiança de 95%.

Nota: Valores em negrito: p<0,05.

Figura 1 – Prevalência (%) do relato de tristeza/depressão, de nervosismo/ansiedade e de problemas de sono por adultos brasileiros (n=45.161) durante a pandemia de COVID-19, segundo o sexo, ConVid-Pesquisa de Comportamentos, Brasil, 2020

Na figura 1 vê-se o impacto da tristeza e depressão, ansiedade e irritação e problemas de sono numa população de 45.161 entrevistados durante a pandemia. Nota-se que o distanciamento social, um claro tipo de exílio provocado na pandemia, foi importante no impacto da saúde mental das pessoas. O resultado da pesquisa mostra que o sentimento frequente de tristeza e depressão abrangeu 40% dos adultos brasileiros, e a sensação de

⁶ BARROS; et al, 2020, p. 5.

ansiedade e nervosismo foi constatada em mais de 50% deles. Entre os que não tinham problema de sono, mais de 40% passaram a ter e quase 50% dos que já conviviam com a situação tiveram seu problema agravado. Ainda com relação aos sentimentos de tristeza e de ansiedade e os problemas do sono revelou-se prevalecer em sua maioria, em adultos jovens, mulheres e pessoas com diagnóstico prévio de depressão.

O exílio social redundou também em sérios impactos econômicos e sociais na nação. O artigo intitulado “Desemprego, pobreza e fome no Brasil em tempos de pandemia por COVID-19” publicado em 2020 por Neves et al, fala sobre o impacto da pandemia na sociedade brasileira.⁷

Brazilian Regions	Cumulative cases of Covid-19 ¹		Cumulative deaths by Covid-19 ¹		Unemployed population (millions) ^a	Unemployment rate (%) ²			Families in extreme poverty ^{3,b}		Families covered by Bolsa Família ^{3,c}	
	n	%	n	%		Total	Women	Men	n	%	n	%
North	642,474	13.0	15,191	10.3	1,042	13.1	-	-	1,716,855	12.2	1,796,535	12.6
Northeast	1,355,526	27.4	39,772	21.1	3,942	17.9	-	-	7,171,399	51.0	7,092,999	49.7
Midwest	615,013	12.4	13,183	9.0	1,033	12.7	-	-	573,889	4.1	681,243	4.8
Southeast	1,721,384	34.8	66,250	45.1	6,673	15.4	-	-	3,787,719	26.9	3,812,630	26.7
South	608,347	12.3	12,429	8.5	1,403	9.4	-	-	808,811	5.8	890,395	6.2
Brazil	4,942,744	100	146,8226	100	14,092	14.6	16.8	12.8	14,058,673	100	14,273,802	100

Notes: ¹Fundação Oswaldo Cruz, Brazil, data referring to December 17, 2020, 8.27 p.m. [2]; ²Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [7]; ³Ministry of Citizen ship [11]; ^aUnemployed population: people out-of-work in the week of reference, but who sought work or acted on that sense in a 30-day reference period (data referring to the third trimester of 2020) [8]; ^bData referring to October 2020; ^cData referring to November 2020.

Figura 2 - Número acumulado de casos e óbitos por COVID-19, população desempregada, famílias em situação de extrema pobreza e famílias abrangidas pelo Programa Bolsa Família, pelas regiões brasileiras. Brasil, 2020.

A figura 2 mostra de forma mais detalhada, por regiões, os números da pobreza, fome e desemprego no Brasil. Pode ser visto de forma tabulada como a região Norte e principalmente a Nordeste foram duramente impactadas social e economicamente, durante o maior foco da pandemia em 2020.

A região Nordeste detinha 21,1% dos casos de óbitos por COVID-19 no país, uma taxa de desemprego regional de 17,9%, 51% das famílias em situação de extrema pobreza no Brasil e 49,7% das famílias do programa Bolsa Família. Apesar do impacto maior nestas regiões, todas as demais regiões sofreram severas perdas com impacto na saúde mental, na economia, desemprego, fome e empobrecimento da nação.

Brissos-Lino, da Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal articula sobre a COVID-19 com foco nos olhares religiosos sobre a realidade pandêmica fala sobre o efeito desta pandemia na vida financeira da igreja:

É evidente que sucedeu uma quebra acentuada de receitas das instituições religiosas, dada a suspensão das missas, cultos e reuniões presenciais, e mesmo na retoma dos mesmos as condições sanitárias impostas passaram a condicionar tanto o acesso como a dinâmica normal, com reflexos

⁷ NEVES; et al, 2021, p. 4.

financeiros óbvios, além de terem sacrificado grandes festas religiosas como a Páscoa, o Pentecostes e as peregrinações.⁸

Brissos-Lino comenta que houve exceções quanto à atitude cooperativa nos grupos fundamentalistas, que atribuíram à presente pandemia status de um castigo divino e nos grupos que pensam que os governos desejam limitar a liberdade religiosa dos cidadãos. Ele nomeia os líderes neopentecostais que “insistiram na continuidade dos cultos presenciais, quando o mais sensato seria o isolamento profilático, em especial nas comunidades das periferias”.⁹

É claro que o impacto não foi somente financeiro, como comenta Rega publicando no Jornal Batista, onde faz uma reflexão sobre sua pesquisa sobre como serão os crentes e as igrejas na pós-pandemia.¹⁰ Essa pesquisa foi realizada entre os evangélicos brasileiros em março de 2020. Participaram 3.067 pessoas em sua grande maioria do meio batista brasileiro (89% dos pesquisados). A pesquisa revela que 28% dos entrevistados apontam que existem pregadores melhores do que seu pastor e isso poderia trazer de imediato o afastamento do cristão de sua comunidade ou Igreja. Isto pode ter implicações na volta da pandemia, tais como: a perda da exclusividade do líder local, comparações entre preletores/pregadores, a exposição de membros a diferentes alternativas teológico-doutrinárias e a tendência que poderia ser a migração destas pessoas para outras comunidades ou Igrejas.

A busca de alternativas pode ser uma realidade na volta pós-pandêmica da igreja aos cultos, a não ser que o acolhimento e o atendimento pastoral tenham elevado o nível de qualidade no contato com a membresia. Infelizmente, o que se escutou sobre a volta aos cultos presenciais na pós-pandemia, foi que em boa parte das igrejas houve um esvaziamento, na quantidade de sua membresia e, em alguns casos uma queixa sobre o impacto no sustento financeiro das instituições.

O grau de sofrimento percebido durante a pandemia e na pós-pandemia gera um passivo de desafios para uma atuação pertinente e eficaz da igreja rumo à ajuda e soerguimento do indivíduo caído, angustiado, rejeitado e explorado em meio ao sofrimento.

2. O LAMENTO COMO RESPOSTA INICIAL DA FÉ CRISTÃ

A palavra lamento é definida pelo dicionário Webster (1828) como sofrer, entristecer pelo luto, chorar, gemer, expressar tristeza. Por exemplo, Jeremias lamentou por Josias: “Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje; porque as deram por prática em Israel, e estão escritas no Livro de Lamentações” (2Cr 35.25). Na forma substantiva lamento, [latim *lamentum*.] significa luto ou tristeza expressa em reclamações ou gritos, gemido ou choro.

Neste texto, que faz referência a Jeremias como um construtor de lamentos, o cronista cita o profeta:

⁸ BRISSOS-LINO, 2020, p. 102.

⁹ BRISSOS-LINO, 2020, p. 102.

¹⁰ REGA, 2021, p. 15.

O cronista enfatiza ainda mais a honra de Josias acrescentando um pós-escrito a este episódio. Neste breve relatório, ele observa que todo o Judá e Jerusalém prantearam Josias (35.24b). Jr 22.10,15,16 confirma que Jeremias ficou tão emocionado que compôs uma lamentação quando Josias morreu. A lamentação de Jeremias é entoada até ao dia de hoje (35.25). De fato, as lamentações se tornaram uma tradição, uma prática (35.25). Aparentemente, o cronista apela aqui para os costumes que seus leitores conheciam. (...) Ele transmite a triste circunstância da morte de Josias por meio dessas alusões reconhecíveis. Desta maneira, o cronista deixa claro que Josias foi grandemente homenageado apesar de seu fracasso.

Pratt valoriza o entendimento de que o lamento era um rito aceito e vivenciado nos tempos de Jeremias. Eles podiam ser construídos, compostos, escritos, como narra o texto bíblico indicado. E se podiam, ainda podem ser construídos por qualquer pessoa em processos semelhantes de vida. Encontramos da mesma forma vários salmos de lamentos, onde se depara com situações de luto, perda e agonia que são típicas em situações de turbulências pessoais, pois a pessoa se volta para seus sentimentos pessoais de agitação e agonia.

Há também os salmos com lamentos imprecatórios que se destacam por uma “catarse libertadora” do indivíduo, muitas vezes dominado pelos mais diversos sentimentos ruins e, que se expõe diante de Deus e dos homens pedindo que a justiça do Senhor se manifeste. Bonhoeffer, fazendo alusão a estes lamentos imprecatórios de muitos salmos tais como os 5, 7, 9, 10, 13, 16, 21, 23, 28, 31, 35, 36, 40, 41, 44, 52, 54, 55, 58, 59, 68, 69, 70, 71, 137, etc. diz:

Em parte alguma o salmista exerce vingança com as próprias mãos, mas ele a confia unicamente a Deus (Rm 12.19). Assim, ele precisa abrir mão de todos os pensamentos de vingança pessoal. Precisa estar livre de toda sede de vingança pois, do contrário, não estaria confiando a vingança com sinceridade a Deus. Somente a quem é inocente diante do inimigo pode confiar a vingança a Deus. A oração pela vingança de Deus é a oração pelo cumprimento de sua justiça no juízo sobre o pecado.¹¹

Não importa se o pedido nos lamentos imprecatórios foi correto e, se Deus irá ou não responder positivamente a cada uma destas maldições. Mas, o fato é que esta abertura de alma, confissão íntima e pública, é uma exposição importante do ser, diante de um Deus justo, que fará justiça em seu tempo, pois Ele é santo e, essa expectativa trará descanso, conforto e calma a esta pessoa angustiada.

Há sete lamentos construídos no livro profético de Jeremias, catalogados por Eugene Peterson.¹² Eles se encontram nos capítulos 8.18–9.3; 11.18-23; 12.1-6; 15.10-12,15-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-18. Outros autores mencionam “seis lamentos” desconsiderando o primeiro apontado por Peterson, como a Faithlife Study Bible em seu compêndio¹³ ou, ainda, “cinco lamentos” conforme Lalleman em seu comentário do livro de Jeremias.¹⁴ É claro que todas as citações, dependendo da visão do autor podem fazer a quantidade de lamentos

¹¹ BONHOEFFER, 2017.

¹² PETERSON, 2008, p. 89.

¹³ FAITHLIFE, 2016, sem paginação.

¹⁴ LALLEMAN, 2013, p. 51.

variar, mas os autores em geral admitem os lamentos de Jeremias em seu livro profético e as lamentações de Jeremias. Neste artigo serão citados os sete lamentos de acordo com a abordagem de Eugene Peterson.

O primeiro lamento catalogado em Jeremias 8.18-9.3 se refere ao luto e angústia sobre a destruição que veio sobre Judá e expressos de forma sincera na fala do profeta. Skinner fala do resultado na vida de Jeremias deste lamento levantado:

A visão de desolação que frequentemente surgia diante de sua mente é assombrada por uma terrível quietude sobrenatural – um silêncio ininterrupto pelo mugido do gado ou pelo canto dos pássaros (9.10, 4.25). Nem é apenas o mundo da natureza externa que atrai Jeremias: “a música ainda triste da humanidade” também tem seu eco eterno em seus escritos. Onde podemos encontrar uma expressão mais simples e penetrante do que no repetido lamento sobre a extinção de todas as alegrias da vida comum nos próximos dias, quando “o som de alegria e o som da felicidade, a voz do esposo e a voz da noiva, o som das mós e a luz da lâmpada serão retirados (25.10; cf. 7.34, 16.9, 33.11)? A primeira indicação certa de seu interesse absorvente em eventos políticos atuais é seu lamento sobre o destino reservado para o jovem príncipe Jeoacaz quando ele foi convocado diante do faraó Neco em sua sede em Ribla (2Rs 23.33). Parece que os obséquios prolongados do rei morto Josias estavam sendo realizados, quando Jeremias apareceu diante da multidão de lamentos e recitou este de composição sua.

No segundo lamento em Jeremias 11.18-23, há duas partes: a queixa de Jeremias sobre um aparente atentado contra sua vida e a resposta de Deus a ele. De acordo com a resposta, os inimigos eram o povo da sua cidade natal em Anatote e, possivelmente até mesmo, sua própria família.

O terceiro lamento está no capítulo 12.1-6 que aborda a injustiça de um mundo desigual, onde os ímpios prosperam e os justos sofrem. Jeremias afirma a justiça de Deus, mas a maldade do povo o faz sofrer. Deus lhe responde que não haverá caminho mais fácil em sua vida, e que iria piorar.

O quarto lamento de Jeremias no capítulo 15.10-21, reflete seu desespero sobre o duplo desastre pela frente — a perseguição de seu próprio povo nos horrores do ataque inimigo e, posteriormente, o exílio. A reclamação é revelada no lamento de Jeremias e na resposta de Senhor (vv. 19-21). O quinto e sexto lamentos registrados por Jeremias se encontram no capítulo 17.14–18 e no capítulo 18.18-23, que podem ser abordados como complementares. Ao contrário dos lamentos anteriores, esses não incluem uma resposta do Senhor. Jeremias pede cura e salvação, onde a cura se refere ao perdão de seus pecados e o conserto de sua relação com Senhor. Jeremias realiza assim, de forma fiel, sua missão profética mostrando a Israel o caminho do arrependimento, mas não sem perseguição. O lamento se encerra com seu desejo pelo julgamento de Deus sobre seus inimigos. Ele jamais fez vingança com suas mãos, mas deixou-a nas mãos do Senhor que é justo e perfeito.

Por fim, o sétimo lamento de Jeremias, visto no capítulo 20.7-13 direciona sua frustração em uma censura contra o Senhor, por deliberadamente conduzi-lo a circunstâncias difíceis diante de sua chamada profética. A linguagem deste lamento é ousada e direta, deixando uma

visão clara da angústia experimentada pelo profeta e sua ambivalência em relação a Senhor. Jeremias usa no v. 7 uma linguagem forte: fui seduzido. A palavra no hebraico פתה pathah tem um significado muito forte, como por exemplo “se alguém seduzir qualquer virgem que não estava desposada e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher (Êx 22.16). Heschel enfatizou a conotação sexual da sedução, argumentando que o uso em conjunto implica sedução e estupro.¹⁵ Pode significar ainda uma espécie de trapaça como no texto bíblico em 1Reis 22.20 - “perguntou o SENHOR: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro, de outra”. Ou seja, um mesmo texto bíblico com interpretações diferentes. Mas, apesar da dificuldade da interpretação, o contexto não indica que Yahweh de forma alguma enganou a Jeremias. Antes, o alertou, em sua experiência de chamada profética que ele encontraria oposição. O contexto sugere sim, o significado de persuasão.

Qual a finalidade dos lamentos de Jeremias e qual a correlação com os lamentos do povo de Deus ao longo de sua história? Será que existe um tom terapêuticos nestes lamentos? Seriam comparáveis a uma confissão? A uma abertura de alma comparáveis aos lamentos encontrados em muitos salmos? Uma abordagem de lamento como primeira resposta diante dos sofrimentos pós pandêmicos que ainda são vivenciados?

Um trabalho publicado por Esperandio e Ladd aponta para os resultados de uma pesquisa empírica aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Indiana, em South Bend, nos Estados Unidos, onde a mesma foi realizada. Os resultados da pesquisa indicam a importância da oração, do coping (confronto religioso e espiritual) que inclui as lamentações reveladas por situações de luto, perda e agonia na experiência de entrevistados.

Em várias entrevistas se percebe o uso da oração como a estratégia utilizada com sucesso do ponto de vista da transformação da emoção, pois favorece o afastamento do problema em favor da aproximação de Deus. Como resultado, os sujeitos relatam o cuidado e conforto recebidos através da oração de Petição ou mesmo de Lamentação. (...) A oração como método de coping parece funcionar positivamente para grande parte dos entrevistados [estudo realizado pelo autor]. As experiências apontam diminuição da ansiedade, melhora na capacidade de funcionar, busca de um comportamento mais assertivo e suporte espiritual para uma vida com mais sentido e propósito.¹⁶

Em suas considerações finais Esperandio e Ladd encontram resultados benéficos verificados em pessoas praticantes da oração relacionados à saúde mental e espiritual. Os resultados indicam que a oração exerce um papel importante na constituição subjetiva de seus praticantes, sobretudo nos aspectos relacionados à saúde mental e espiritual. Os sujeitos reportam diminuição da ansiedade, incremento das habilidades para administrar as situações de estresse e sofrimento; impulso para a cooperação mútua; maior senso de direção e propósito na vida.

¹⁵ HESCHEL, I, p. 113.

¹⁶ ESPERANDIO; LADD, 2013.

Atualmente a ciência moderna defende a importância da oração, da espiritualidade para os pacientes em estado terminal. Estes conseguem ultrapassar este processo de final de vida com muito mais tranquilidade daqueles que não têm a prática de espiritualidade e oração. Koenig¹⁷, quando diretor da Duke University's Center for the Study of Religion/Spirituality and Health, foi um pioneiro na área médica, durante décadas através de estudos próprios e de terceiros, trazendo à luz novas descobertas que mostraram a relação da oração com a saúde. Ele conta ter começado sua carreira de pesquisador através de “estudos geriátricos e psiquiátricos que mostravam que o medo da morte pode causar estresse crônico que diminui a qualidade de vida dos idosos”. Ele notou que entre seus pacientes “havia muitos cuja fé os protegia dessa preocupação mórbida”. Assim partiu para uma pesquisa na tentativa de fazer uma correlação entre a prática religiosa e ansiedade de morte entre idosos que frequentavam programas de almoço para essa classe de pessoas nos EUA.

Para testar sua hipótese de que a fé e práticas religiosas como a oração, a leitura das escrituras e a frequência à igreja podem ajudar os idosos a lidar com várias formas de estresse, incluindo a ansiedade da morte Koenig elaborou um questionário com 26 perguntas. Ele que visava avaliar suas crenças e atividades religiosas do público-alvo, seus sentimentos sobre a morte, sua tolerância ao estresse e o que os cientistas sociais chamam de “coping” geral. Algumas das perguntas levantadas estão aqui destacadas:

“Quando você está enfrentando uma situação difícil, qual a probabilidade de você usar a oração para ajudá-lo a lidar com a situação?” Para provar sua confiança na fé sob estresse. As respostas podiam ser: “improvável”, “pouco provável” e “muito provável”. “Pense na experiência mais estressante que você teve nos últimos meses. Até que ponto você usou suas crenças religiosas para lidar com essa experiência estressante?” As respostas possíveis variavam de “muito pouco” a “muito”. Qual o seu nível de atividade comunitária e seu envolvimento na congregação da igreja ou na comunidade de fé? (Ele queria separar atividades não religiosas, como afiliação a clubes, de práticas puramente religiosas, como participação em cultos). Para medir o nível de ansiedade da morte, foi perguntado: “Há muitos sentimentos que as pessoas têm sobre a morte. Como você se sente?” As pessoas podiam responder em uma escala que variava de “com medo e ansiedade” a “sem medo ou ansiedade”. Foi avaliada a saúde física dos participantes, porque as pesquisas mostraram que as pessoas que sofrem de doenças graves muitas vezes têm medo da morte. As respostas variavam de “doente e deficiente” a “muito saudável, não deficiente”.

Depois de postar todas as respostas e verificar sua validade com procedimentos estatísticos reconhecidos, Koenig foi surpreendido e animado com os resultados da pesquisa. Os idosos que eram “muito propensos” a confiar na fé religiosa e na oração, quando sob estresse, eram muito mais aptos a relatar pouco ou nenhum medo da morte, quando comparados com seus pares para quem a fé e a oração eram menos importantes. Ele conclui seu estudo perguntando sobre o significado de tudo aquilo. A conclusão foi que “A religião é o aspecto mais importante da vida da maioria das pessoas”. Os resultados da pesquisa

¹⁷ KOENIG, 2001.

sugerem que seria benéfico aumentar as práticas religiosas se isso fosse compatível com a fé da pessoa. Ele concluiu também que quando as pessoas sofrem de doenças ou incapacidades prolongadas, muitas vezes se tornam escravas da doença, que pode dominar todos os aspectos de suas vidas. Ele comenta ter conhecido pacientes que “se entregam à doença e experimentam um desespero que excede em muito a dor física”. Essa desesperança, em alguns casos pôde ser diagnosticada como depressão, “que pode corroer ainda mais a saúde física e tornar a recuperação muito difícil”. Ele conclui dizendo que muitos de seus pacientes lhe informaram sobre a importância de sua fé lhes trazendo uma sensação tangível de maestria em suas vidas. Ele fecha então sua pesquisa fazendo uma comparação: embora os cientistas não possam demonstrar que Deus exista e intervém na vida das pessoas, ele, como médico “havia aprendido que se pode explorar e mapear de maneira científica o efeito da fé e da prática religiosa na saúde física e emocional”.

A relação entre fé e oração na vida de um genuíno praticante tem efeitos benéficos em sua saúde mental e não somente espiritual. Os estudos apresentados mostram as evidências que este exercício pode trazer um estado de bem-estar e saúde integral na vida das pessoas.

Wright, fala do lamento como um caminho que deveria ser aceito como a principal resposta cristã diante da recente pandemia. Diz o autor:

Instei com você para que visse e aceitasse o lamento como a principal resposta cristã a esta pandemia. Cerca de um terço dos salmos bíblicos lamentam que as coisas não são como deveriam. Palavras que os salmistas empregam são de queixa: questionamento, tristeza, raiva, frustração e, muitas vezes, amargura. Todos fazem parte do livro de oração do próprio Jesus, e o Novo Testamento se apoia neles livremente para expressar não apenas o nosso próprio lamento, mas também o caminho de Jesus.¹⁸

Em um momento sério de crise pandêmica no Brasil e no mundo, quando a morte se infiltrou nas famílias, onde a violência contra a mulher foi um marco importante, onde a taxa de divórcio cresceu neste período pandêmico, o desemprego aumentou, elevando os níveis de pobreza, fome e miséria e, onde a saúde mental foi afetada na vida de tantas pessoas; em tempos assim, é hora de lamentar. Seu comentário continua:

É hora de admitir que não temos respostas fáceis; de nos recusarmos a usar a crise como megafone para o que desejávamos dizer de qualquer maneira; de chorar em frente ao túmulo de amigos; de gemer inexprimivelmente pelo Espírito. “Alegram-se com os que se alegram”, ordenou Paulo, e “chorem com os que choram”. Sim, e o mundo está chorando agora. O chamado primordial da Igreja é tomar, humildemente, o devido lugar entre os pranteadores.¹⁹

Chorar com os que choram faz parte da bem-aventurança do choro legítimo e honesto relatado no sermão do monte. Jesus diz: “por que eles serão consolados” (Mt 5.4).

¹⁸ WRIGHT, 2020.

¹⁹ WRIGHT, 2020.

3. A ÉTICA DO CUIDADO COMO PRÁTICA CRISTÃ NO PÓS-PANDEMIA

É claro que se nos detêssemos somente ao lamento, um vácuo surgiria diante da solução necessária, que não ajudaria de forma efetiva e prática o socorro ao próximo. Uma ética de cuidado viva se faz necessária, muito especial, nestes tempos pós-pandêmicos.

Silva comenta sobre a gestão da ética do cuidado e a sua importância em resposta à necessidade do bem-estar e empatia diante do sofrimento. O oposto de se sustentar o cuidado do outro se manifesta num estado de indiferença, falta de segurança e proteção com o próximo. Ela diz:

Uma ideia de bem comum que está no simples desejo de querer estar com o outro, [é] manifestado através da empatia. O bem-estar é a soma das pequenas ações e condições que tornam possível educar-cuidar-assistir o outro de forma agradável, confortável, suprimindo suas necessidades básicas. (...) Assim, a ética do cuidado é entendida a partir da compreensão de que cuidar do outro não é uma atividade comum. Antes de tudo, é algo essencial e vital para a manutenção da vida e da existência humana. Consequentemente, por não ser uma atividade comum, a ética do cuidado demonstra a nossa humanidade, e a realização das suas diferentes ações no cotidiano, reafirma os traços da nossa humanização; a disposição para o bem comum, a bondade, a alegria, a amorosidade.²⁰

É claro que a ética do cuidado não se prende apenas à pós-pandemia, mas refere-se à essência do cristianismo, cujo fundamento é registrado pelos ensinamentos das Escrituras e do Mestre Jesus Cristo. O sermão do monte está impregnado deste chamado ao cuidado com o próximo quando Jesus fala dos humildes e dos que choram, dos mansos e dos que têm fome e sede de justiça, dos misericordiosos e limpos de coração, dos pacificadores e dos que sofrem, do sal que salga e da luz que ilumina o mundo e, todo esse ensino necessita ser relacional, sempre em direção ao próximo (Mt. 5.1-14).

Wright faz uma análise interessante do texto bíblico em Romanos 8.28, onde a maioria das traduções conhecidas descrevem esse verso de uma forma que pode ocultar detalhes importantes para uma boa hermenêutica. Os textos bíblicos, em geral, descrevem assim o verso bíblico: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (ARA e NAA). “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (NVI). Com esta tradução a leitura pode induzir ao pensamento estoico de que é necessário suportar as provas e tentações na caminhada cristã, porque no final, tudo concorrerá para o bem daqueles que amam a deus. É como se deus fosse o único responsável em se revelar através da ética do cuidado. Nestas traduções “Deus opera todas as coisas, de forma conjunta, para o bem daqueles que o amam”. Mas Wright pondera:

O problema é que o verbo não significa “trabalhar para o benefício de”; significa “trabalhar com”. A palavra empregada pelo apóstolo não é o termo comum para trabalho, *ergazomai*. A palavra é *synergeō*, “trabalho conjunto”. O afixo *syn-* significa “juntamente”, “em conjunto” ou “com”. (...) Isso sugere

²⁰ SILVA, 2004, p. 23-24.

que, se Paulo fala aqui sobre o trabalhar de Deus, a ideia é o seu trabalhar com as pessoas, fazendo o que deseja no mundo — não sozinho, mas por agentes humanos.²¹

Esse texto nos leva a afirmar a importância do cristão em sua ação no cotidiano voltado para o sofrimento e cuidado necessários para o próximo em angústia e sofrimento. Tais pressupostos impõem o compromisso autêntico do verdadeiro cristianismo. O autor passa a fazer a análise agora do substantivo de *synergeō*:

O substantivo cognato, *synergos*, é mais comum do que o verbo. Paulo o emprega onze vezes como referência aos seus colegas, pessoas que trabalham com ele. Em certa ocasião, utiliza-o para expressar o seguinte: “nós, os apóstolos, somos colaboradores de Deus, trabalhando em parceria com ele” (1Coríntios 3:9). Esse parece ser o ponto aqui. Deus trabalha todas as coisas em direção ao bem final juntamente com e por meio daqueles que o amam.²²

Ele comenta ainda que a ideia é implícita na Revised Standard Version (RSV) (“em tudo Deus trabalha para o bem com aqueles que o amam”). Seria melhor então entender no texto o Espírito Santo, como nos versículos 16, 26 e 27, trabalhando no cristão, de forma conjunta; Espírito Santo e o cristão numa unidade conjunta, com a qual o Deus Pai coopera, age e sustenta. Ou seja, os cristãos têm parte ativa na ação de Deus em socorro aos aflitos, aos que sofrem, aos que estão em luto, aos deprimidos e, mesmo que sem palavras para expressar o seu lamento têm algo importante a fazer na cura, no ensino, na assistência ao pobre, em campanhas sociais e, no consolo dos abatidos. Essa é a vocação do crente diante do sofrimento, particularmente, no mundo afetado pelo sofrimento atual pós-pandêmico.

Uma igreja de portas abertas para a comunidade em que está inserida e, que entende que necessita levar adiante sua missão aos que sofrem e estão em necessidade, deve exercer suas práticas devocionais, sacramentais e litúrgicas no atendimento às demandas gestadas no processo pós-pandêmico gerando bem-estar e saúde mental e espiritual. Nesse aspecto, cabe aqui ressaltar a importância de cada liturgia praticada no serviço de culto na igreja. Todo o serviço, além de cultuar ao Senhor da história deve levar o cristão a um relacionamento saudável com Deus e com o seu próximo. Isso pode significar, até certo modo, avançar no aspecto terapêutico que deve compor a ação da igreja.

Clinebell comenta, citando William E. Hulme, que o uso de termos teológicos, imagens, conceitos e histórias, bem como subsídios religiosos da oração, da Escritura e dos sacramentos, como cuidado, podem ser instrumentos poderosos para fomentar crescimento e integralidade espiritual na vida do indivíduo e por extensão na Igreja. O autor dá detalhes de como a igreja pode usar estes recursos religiosos no aconselhamento. “Os recursos devem ser utilizados de tal forma a não bloquear a assunção e a catarse de sentimentos negativos por suscitar culpa em relação a eles”.²³ Ensinar, a quem sofre os métodos de oração e meditação como exemplo, pode ser muito útil.

²¹ WRIGHT, 2020.

²² WRIGHT, 2020.

²³ CLINEBELL, 1987.

Evans escrevendo sobre o ministério litúrgico e terapêutico da igreja comenta que este é um serviço que pode promover a saúde integral do indivíduo, afinal Ele é o “ferido que cura”.²⁴ As diversas liturgias são detalhadas em sua análise que, tal como Clinebell, as reconhece como de grande valor terapêutico nos serviços da igreja.

Nos cultos tradicionais de adoração aos domingos Evans sugere que sejam uma ocasião para promover bem-estar espiritual e emocional. Independentemente da importância da cura no culto regular, ela diz ser apropriado ter cultos públicos de cura, mas é necessário tomar certas precauções para evitar abusos. É sugerido atenção às diretrizes para cultos específicos do Grêmio de São Rafael, no Reino Unido:

- (1) realização de um culto aos enfermos regularmente num dia específico da semana, ou ao final do culto de domingo; (2) uso de uma área menor para o culto ou de uma capela anexa; (3) celebração da eucaristia depois das intercessões no culto; (4) inclusão de tempo para as pessoas orarem em voz alta expressando necessidades ou preocupações especiais; (5) imposição de mãos pelo sacerdote, auxiliado por leigos; (6) menção específica de pessoas na oração; (7) inclusão ocasional do sacramento da confissão e da unção, quando apropriado; (8) evitar um tipo de culto que poderia ser interpretado como “exorcismo”, uma vez que este não deve ser parte do culto público; e (9) aconselhamento no final.²⁵

A utilidade destas práticas com cuidado pode ser de grande valor na atuação da igreja em seus diversos ministérios visando promover bem-estar e saúde integral. Além dos cultos públicos, a disciplina da oração é também valorizada não como um ritual mágico, mas como algo que pode preparar as pessoas para enfrentar seus problemas. Ela é tão essencial para o nosso bem-estar quanto água e comida. Segundo Evans há um elo entre a oração e a cura:

Na Igreja primitiva os presbíteros vinham não somente para visitar os enfermos, mas para orar e encorajar outros a orar por eles. Um componente importante da oração é a confissão, e com ela a remoção da culpa e do ressentimento pelo recebimento do perdão de Deus. Isso limpa o caminho para a cura interior da pessoa vis medicatrix naturae. A confissão abre a porta para que as forças mais profundas do mal sejam confrontadas e a cura ocorra.²⁶

É dito pelo apóstolo Tiago: Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo (Tg 5.16). O texto não diz “para serdes perdoados”, mas para serdes curados”! Clinebell diz que oração e meditação são disciplinas devocionais complementares que podem enriquecer-se mutuamente. Ambas constituem maneiras diretas de abertura ao poder criativo do amor de Deus. Ajudar as pessoas a lidar com seus obstáculos emocionais e ensinar-lhes formas eficazes de orar e meditar, pode capacitá-las a experimentar uma nova fase de alegria espiritual.²⁷

²⁴ EVANS, 2002.

²⁵ EVANS, 2002.

²⁶ EVANS, 2002.

²⁷ CLINEBELL, 1987.

Uma outra forma de orar é usar da intercessão por outros, que deve ser feita em conjunto com a ação em favor deles. Evans recorda de forma pertinente que a nossa única oração legítima pela cura é a que diz “seja feita a Tua vontade”, mais do que a que diz “se for da vontade de Deus”, como se houvesse dúvida de que Deus deseja curar, embora tal cura possa ter um sentido último de uma cura completa na eternidade. A oração coletiva pode acelerar a recuperação e promover atitudes sadias nos que estão orando, colocando-se a serviço de Deus quando oram por outra pessoa.²⁸

Segundo Weatherhead, fala da importância na perseverança da oração mesmo quando os resultados são aparentemente negativos. “Nós oramos não porque nossas orações são bem-sucedidas ou não, mas porque recebemos um mandato de orar pelos enfermos”.²⁹ A autora alerta sobre alguns enganos cometidos na oração. Pode acontecer de um paciente se sentir fortalecido quando sabe que muitas pessoas estão orando por ele. Derrota, desespero e pessimismo podem ser trocados por coragem e vontade de viver.

A Ceia do Senhor, outro importante ritual da igreja cristã nos chama a recordar a dádiva do perdão e da renovação através da morte de Cristo. Ela é tanto um memorial do sacrifício de Cristo como uma participação na vida eterna. Evans lembra que o partir do pão é um sinal de hospitalidade. Neste cerimonial a Igreja é lembrada de que é um corpo partido, algumas vezes sangrando por dentro. “Somos partidos, estamos em enfermidade e sofrimento, precisamos de cura; no entanto, o sacramento nos mostra de forma tangível o sinal de Deus, a nutrição vinda de Deus, o dom da vida e da saúde concedido por Deus”.³⁰ Ela prossegue exortando que não importa quão despedaçados estamos, “Cristo nos renova”. “O fruto da terra é a fonte de cura”; no livro da visão do apóstolo João em Apocalipse 22.2, “as folhas da árvore são para a cura das nações”. A eucaristia é a celebração antecipatória da criação restaurada, um presságio de uma nova ordem por vir; da vinda do reino de Deus.

Quanto ao Batismo, Evans³¹ comenta que ele também pode refletir uma dimensão terapêutica. No batismo a água, agente de purificação é símbolo da morte da velha pessoa e ressurreição em uma nova vida. Ele “traz a pessoa simbolicamente da morte e do isolamento para a comunhão dos crentes”. O batismo é um sinal de vida nova e de saúde, dos dons de Deus nesta nova vida. Em Apocalipse 22.1 o rio da água da vida jorra do trono de Deus e do Cordeiro para a cura.

A prática da imposição de mãos, a unção, a absolvição e a celebração das ordenanças fazem também parte de práticas litúrgicas que promovem cura. As referências citadas por Evans estão ligadas à tradição anglicana.³² Quanto à imposição de mãos, a autora menciona que psicologicamente, “o amor é expresso pelo toque. O toque tem um significado espiritual profundo. É a mão de Deus que toca a pessoa através de outra”. A imposição de mãos espelha um ato de Deus deflagrado pelas mãos de Seu instrumento, afinal, é Cristo tocando alguém. Algumas vezes as pessoas que recebem imposição de mãos experimentam sensações de

²⁸ EVANS, 2002, p. 117.

²⁹ Citado por EVANS, 2002.

³⁰ EVANS, 2002, p. 24.

³¹ EVANS, 2002, p. 125.

³² EVANS, 2002, p. 127.

poder, calor, luz e formigamento. No entanto, a atenção deve estar no poder de Cristo para curar e não nas manifestações físicas.

Por fim, o uso da Escritura é mencionado por Clinebell como uma forma valiosa na poimênica e no aconselhamento pastoral. Vários temas bíblicos como iniciativa e liberdade, medo e fé, conformidade e rebelião, morte e renascimento, risco e redenção, jogam luz sobre as complexidades das questões humanas com que se pode defrontar no aconselhamento. Uma outra forma de usar a Bíblia na poimênica e no aconselhamento é consolar e fortalecer pessoas em crises. Possuir um senso da presença viva de Deus, comunicada nas palavras dos salmos 23 e 90, por exemplo, pode ser uma fonte de grande força para certas pessoas que tem enfrentado perdas arrasadoras. Elas se sentem abençoadas ao passarem por seu vale da sombra da morte, sustentadas pela consciência da presença de um Deus amoroso. “O fato de ter tal fonte de apoio as ajuda a lidar com as novas realidades que precisam encarar, bem como com seus sentimentos angustiantes”.³³ Evans e Clinebell mostram em suas obras que todas estas práticas litúrgicas discutidas e vivenciadas podem se tornar em recursos poderosos para o exercício do ministério terapêutico da Igreja cristã de hoje e de forma especial, neste tempo pós-pandêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto da pandemia e os efeitos da pós pandemia precisam levar a igreja e o crente a agir com a ética de cuidado ao próximo, amor que leva ao serviço sacrificial (ágape), como Deus que amou (ágape) o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito (serviço sacrificial; Jo. 3.16a), chorar com os que choram, se alegrar com os que se alegram, se aproximar e acompanhar os que sofrem, dar a mão ao solitário, ser um pacificador diante do ódio do mundo, consolar aos que foram impactados pela morte gerando viuvez e orfandade, ajudar os que estão em necessidade e fome e aos que precisam da luz do evangelho transformador brilhando sobre suas vidas. O apóstolo Tiago diz: “a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1.27). A ética do cuidado deve se fazer presente neste momento com todas as ferramentas disponíveis nas mãos da igreja. Uma igreja que ama é uma igreja que serve; é uma igreja que cuida.

A oração de lamento, de intercessão e louvor é uma destas ferramentas que pode se mostrar eficiente no serviço de apoio ao bem-estar e cura de alma do aflito e angustiado nas dificuldades deste tempo. Se gastarmos tempo em oração e lamento surgirá uma nova luz, e não simplesmente a repetição de coisas que, de qualquer maneira, já ouvimos dizer e, que continuam sendo faladas como falsa resposta à dor e ao sofrimento da pandemia.

Quando a atual pandemia começou no Brasil, uma passagem dos escritos de Martinho Lutero foi grandemente compartilhada na internet. O texto mostrava a visão de Lutero entre sabedoria realista e piedade prática na época da peste espanhola que atormentava e matava o mundo de então. Ele enfrentou diversas pragas nas décadas que seguiram 1520 e 1530 e,

³³ CLINEBELL, 1987, p. 119-123.

em suas cartas a autoridades civis e líderes religiosos, fez um alerta a pregadores e pastores que deveriam permanecer em sua quarentena devidamente, mas tinham de estar preparados para dar a vida pelas ovelhas se assim fosse necessário. Os conselhos que Lutero oferece foram tão relevantes para o momento vivido na pandemia atual quanto foram há quinhentos anos.

Com a permissão de Deus, o inimigo enviou um veneno mortal entre nós; por isso, rogarei a Deus que seja gracioso e nos preserve. Então, fumigarei para purificar o ar, receberei e doarei remédios e evitarei lugares e pessoas onde minha presença não é necessária. Não desejo expor-me demais para que outros não sejam infectados e morram como resultado da minha negligência. Mas se o meu próximo precisar de mim, não permanecerei afastado, mas irei, de boa vontade, visitá-lo e ajudá-lo.³⁴

A dor das perdas e o sofrimento do efeito pós-pandêmico podem até servir como mensageiras de Deus para o mundo, mas a abordagem correta com a ética do cuidado deve ser tanto prática quanto fiel.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo; et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol.** Serv. Saúde. Brasília, 29(4):e2020427, 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. **Orando com os Salmos**: inclui uma breve biografia. Tradução de Martin Weingärtner. Curitiba: Esperança, 2017.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**. Tradução dos capítulos 1-8 de Luís Marcos Sander; dos capítulos 9-17, de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CRAIGIE, Peter C. **Jeremias 1-25**. Word Biblical Commentary, vol. 26. Dallas: Word, 1991.

DE PAULA BARRETO, Adalberto. **Cuando la boca calla, los órganos hablan...**: revelando los mensajes de los síntomas. Books on Demand GmbH, 2020. E-book Kindle.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; LADD, Kevin Lee. Oração e Saúde: questões para a Teologia e para a Psicologia da Religião. **Horizonte**, PUC Minas, v. 11, n. 30, p. 627-656, abr./jun. 2013.

EVANS, Abigail Rian. **O ministério terapêutico da Igreja**. Tradução de Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002.

FORTUNATO, Rafaela A. COVID-19 no Brasil: a evolução da doença num cenário de desigualdades sociais. **Middle Atlantic Review of Latin American Studies**, vol. 4, Nº 1, 2020.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Ano 2021. Disponível em: violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf (forumseguranca.org.br). Acesso em 19/04/2022.

³⁴ LUTERO, 1955.

KASSIR, Alexandra; et al. **Alerta global**: Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

KOENIG, Harold G. **The healing power of faith**: how belief and prayer can help you triumph over disease. New York: Touchstone, 2001.

LAMENT. In: **American dictionary of the english language**. Disponível em: <https://webstersdictionary1828.com/Dictionary>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LUTHER, Martin. **Letters of Spiritual Counsel**. Ed. T. G. Tappert. Londres: SCM, 1955.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Site oficial sobre a COVID-19 no Brasil. Ministério da Saúde, Brasil, 2020. Disponível em: <https://Covid.saude.gov.br>. Acesso: 13/06/2020.

NEVES, José Anael; et al. Desemprego, pobreza e fome no Brasil em tempos de pandemia por Covid-19. **Revista de Nutrição**: PUC Campinas, vol. 34, Publicado: junho 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/i/2021.v34/>. Acesso em: 14 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <https://Covid19.who.int/region/amro/country/br> Acesso em 14/05/2022.

PRATT JR, Richard L. **1 e 2 Crônicas**: comentários do Antigo Testamento. Org. Cláudio Antônio Batista Marra. Tradução de Neusa Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

REGA, Lourenço S. Igrejas e crentes na pós pandemia: como será a volta? **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, ano CXX, edição 7, p. 15, 14 de fev. de 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book Kindle.

SILVA, Marta Nornberg da. Cuidado(s) em movimento: a ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Espiritualidade e saúde**: da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SKINNER, John. **Prophecy & Religion**: studies in the life of Jeremiah. Cambridge: Cambridge University, 1922.

TOLSON Chester; KOENIG, Harold. **The healing power of prayer**: the surprising connection between prayer and your health. Grand Rapids: Baker, 2003.

WRIGHT, N. T. **Deus e a pandemia**: uma resposta cristã sobre o Coronavírus e suas consequências. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. E-book Kindle.